

30/01/2017 - 05:00

Centroamericanos temem futuro com EUA

Por **Marsílea Gombata**

Em situação econômica melhor do que os vizinhos da América do Sul, os países centroamericanos temem uma reviravolta caso o presidente americano, Donald Trump, cumpra a promessa de deportar imigrantes ilegais que vivem nos Estados Unidos.

Dos países que compõem o istmo da América Central, três são extremamente dependentes das remessas enviadas por centroamericanos que vivem nos EUA. Honduras tem 18% de seu PIB atribuídos às remessas estrangeiras; El Salvador, 16,6%; e a Guatemala, 10,3%.

Dados da América Central

Dependência de remessas e violência marcam países



"A região tem sido beneficiada pelo bom desempenho da economia americana", observa a analista Dirina Mançellari, da consultoria Focus Economics, ao mencionar a situação de pleno emprego nos EUA por trás do fluxo de remessas para a América Central. "Por isso há uma preocupação crescente de que as políticas anti-imigração que Trump adotar possam afetar negativamente países da região."

Hoje vivem nos EUA cerca de 5,2 milhões de centroamericanos, de acordo com o Censo americano. Desses, 2,2 milhões são salvadorenhos, 1,4 milhão guatemaltecos, 850 mil hondurenhos, 416 mil nicaraguenses, 200 mil panamenhos e 156 mil costa-riquenhos.

"A política de combate aos ilegais não é algo novo nos EUA", diz o salvadoreno Luis Membreño, presidente da Membreño Consulting. "Nos oito anos de governo Obama foram 2,8 milhões de centroamericanos deportados. Um recorde, que pode vir a piorar."

Membreño explica que, além do fluxo de remessas ancorado no cenário de pleno emprego dos EUA, o desempenho econômico melhor dos países da América Central em relação aos sul-americanos tem por trás o fato de serem economias que exportam commodities cujos preços tiveram um comportamento melhor no mercado internacional.

"Conseguimos manter uma média de crescimento de 4%", observa. "Dentre os produtos que exportamos, o café teve seu preço duplicado, enquanto o do açúcar subiu cerca de 45%."

Os anúncios de Trump sobre revisar o Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) acendem outro alerta para a América Central. Os EUA mantêm desde 2006 um acordo de livre comércio com a República Dominicana, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua. Batizado de CAFTA-RD, o acordo encerrou 2015 com superávit comercial para os EUA: foram US\$ 29 bilhões exportados e US\$ 24 bilhões importados, segundo o Departamento de Comércio americano.

"Não é um tratado tão grande quanto o Nafta, mas é importante para a região", afirma Abelardo Medina, do Instituto Centroamericano de Estudos Fiscais (Icefi), na Cidade da Guatemala. "Os países envolvidos no acordo têm preferência para exportar produtos como banana, café e açúcar, mas não sabemos como isso ficará."

Na América Central, o Panamá é o país que mais deve crescer neste ano - 5,7% -, embalado pelo comércio exterior e investimentos em infraestrutura. Em seguida, vem a Nicarágua. No relatório "Perfiles Macroeconómicos de Centroamérica", o Icefi lembra que o país cresceu 4,6% até 2014, mas deve chegar a 4,1% neste ano.

O país, argumenta Medina, tem buscado atrair investimento estrangeiro, em setores como turismo, indústria têxtil e call centers, e tem uma vantagem em relação aos vizinhos da região. "Empresários e companhias estrangeiras estão aproveitando algo que os países do norte da América Central não têm: segurança", afirma Medina. "Há empresas estrangeiras que cogitam deixar países mais violentos da região em direção à Nicarágua."

No chamado Triângulo Norte, El Salvador, Honduras e Guatemala são os países mais dependentes de remessas e também os mais violentos. Estima-se que 10% da população de 46,6 milhões da América Central tenham deixado a região por conta da violência e pobreza.

Segundo o Icefi, 21 milhões de centroamericanos (45,2% da população) vivem na pobreza, sendo nove milhões em situação de pobreza extrema. Só no Triângulo Norte são 17 milhões de pobres e oito milhões em condições miseráveis. "Essa situação somada aos índices de violência constituem a principal causa dos fluxos de migração para os EUA", diz o texto.